

## JORNALISMO PERIFÉRICO: UM MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS JORNALÍSTICAS FEITAS A PARTIR DAS PERIFÉRIAS PAULISTANAS<sup>1</sup>

*Bruna Soares David Silva<sup>2</sup>*

*Cláudia Nonato<sup>3</sup>*

### Resumo

O jornalismo brasileiro vivencia um cenário em que veículos de comunicação de massa difundem narrativas cerceadas por estereótipos para alguns contextos, como as periferias. Diante disso, grupos de jornalistas se articulam nessas localidades com o propósito de construir sua própria comunicação, propondo-se a dar visibilidade à cultura local e a oferecer uma perspectiva positiva do cotidiano periférico. O presente artigo tem como objetivo mapear as iniciativas jornalísticas realizadas a partir das periferias de São Paulo e conhecer os aspectos de organização desses grupos. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica e construída uma tabela, com movimentos identificados a partir de redes e encontros voltados a jornalistas das periferias. Constatamos que a maior concentração de iniciativas está na Zona Sul da cidade; além disso, existe a percepção de novos rumos para o jornalismo, da gestão horizontal aplicada nas iniciativas e da busca por meios alternativos para o sustento do trabalho realizado.

**Palavras-chave:** *Periferias paulistanas; Jornalismo periférico; Produções jornalísticas das periferias; Mapeamento.*

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de um relatório final de Iniciação Científica realizada junto ao Fiam-Faam Centro Universitário em 2018.

<sup>2</sup> Estudante de graduação em Jornalismo no Fiam-Faam Centro Universitário. E-mail: brunaltvi@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA/USP). E-mail: claudia.nonato@uol.com.br.

## INTRODUÇÃO

A comunicação é capaz de transformar a sociedade “por meio de difusão da informação, formação de opinião, propagação do conhecimento e manifestações de arte e lazer” (LIMA, 2015). Ure (2008) afirma que, desde a acta diurna até os diversos formatos que abrange atualmente, o jornalismo, por sua vez, carrega por essência a função social de informar. Mas, apesar de passar a ser visto como mera mercadoria, com notícias produzidas em escala industrial (BONA, 2006), o jornalismo reinventa-se ao ganhar perspectivas humanizadas, que consideram o profissional não como um conjunto de técnicas, mas como alguém que possui interesses e opiniões, bem como respeitam a fonte, junto à sua história de vida (IJUIM, 2009). Para Kovach e Rosenstiel (2003), o jornalismo obtém caráter de interesse público, e, para atender este aspecto, pressupõe investigação e compromisso com a verdade.

Com o objetivo de manter seu papel informativo e de formação da opinião pública, Gallas (2014, p. 55) ressalta que o jornalismo deve afastar-se de interesses mercadológicos e da submissão à cobertura de assuntos mais “vendáveis”. Uma saída para a produção livre de interesses, de acordo com a autora, é o jornalismo alternativo, que “produz conhecimento capaz de dar poder não aos empresários, proprietários ou anunciantes, mas aos cidadãos”. No entanto, Gallas explica ainda que a falta de representatividade brasileira nesta profissão também é um obstáculo em relação à seleção de informações de interesse público e à democratização da comunicação. Desta forma, potencializada pelo uso da internet, a mídia alternativa revela-se, também, como uma saída para os profissionais que não correspondem ao perfil de jornalistas que formam as redações. Este quadro é composto, segundo Fígaro e Nonato (2017, p. 2), por “jovens, do sexo feminino, de etnia branca, classe média, sem filhos, com curso superior completo e especialização (pós-graduação)”.

Além do cenário identificado nas redações, que não abrangem a pluralidade étnico-racial da sociedade brasileira em suas equipes, observa-se que a mídia tradicional enraíza narrativas estereotipadas em relação a algumas conjunturas – como no caso das periferias, conforme verificado por Silva, Alberto e Nonato (2016). Para Freitas (2011, p. 21), “periferia costuma ser o termo utilizado em discursos que intencionam identificar, de forma genérica e abrangente, o lugar onde vivem os pobres, marginalizados e excluídos do sistema capitalista”. O sociólogo D’Andrea (2013, p. 177) explica que, no início da década de 1990, a periferia era associada apenas à pobreza e violência e, após variados processos

sociais que visam a essa superação, o termo se alargou: “falar em periferia hoje denota a existência em seu interior de quatro elementos: pobreza, violência, cultura e potência”.

Diante dessas circunstâncias, de abordagem estereotipada, pontuada por Silva, Alberto e Nonato (2016), e dificuldades em adentrar às redações jornalísticas, analisadas pelas pesquisadoras Fígaro e Nonato (2017), as comunidades periféricas buscam, hoje, formas de produzir sua própria comunicação, que atende às demandas da população local e se distancia da interpretação limitada presente nas notícias veiculadas pela grande mídia (ASSIS, 2018). A produção de conteúdo feita pelos e para os habitantes desses locais revelam novas configurações à comunicação, como o jornalismo comunitário, caracterizado, segundo Callado e Estrada (1986), pela atuação ativa dos habitantes das comunidades. As autoras ressaltam que, além do caráter informativo, o jornalismo comunitário torna-se um instrumento de mobilização que propicia “comunicação entre os membros da comunidade, debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas” (p. 8). De acordo com Peruzzo (2006, p. 4), a comunicação popular e alternativa origina-se em movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, tem o povo como protagonista e apresenta conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo. Para a autora, trata-se de “um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa”.

Para Silva, Alberto e Nonato (2016, p. 5), “no Brasil, as principais mudanças [no jornalismo] ocorreram no início dos anos 1990, a partir da chegada das novas tecnologias, da informação eletrônica e interativa, e com a informatização das redações. Diante deste período, a comunicação realizada pela periferia e voltada para esse público se origina no Rio de Janeiro com a articulação de grupos e movimentos sociais. Estas iniciativas cariocas, como os jornais “Voz das Comunidades” e “O Cidadão”, integram o início da ascensão do jornalismo comunitário, que passa a despontar, também, em outras localidades do país, como nas periferias da cidade de São Paulo, que, de acordo com levantamento feito pelo IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas, são formadas por 8,4 milhões de pessoas. Assim, conforme concluem as pesquisadoras (2016, p. 7), “a periferia deixa de ser um produto de notícia estereotipado pela mídia dominante e passa a protagonizar e potencializar suas próprias histórias”.

Desse modo, este artigo busca mapear os arranjos jornalísticos produzidos a partir das periferias de São Paulo, retratar as novas vertentes do jornalismo independente e

possibilitadas por ferramentas de tecnologia e, assim, despertar uma reflexão sobre o renascimento do jornalismo na concepção de ruptura com as grandes mídias.

### UMA BUSCA POR PESQUISAS SOBRE MÍDIA PRODUZIDA NA PERIFERIA

Segundo Laraia (1986), a cultura se molda de acordo com as transformações da sociedade. Tais circunstâncias acontecem, também, no campo jornalístico, onde grupos se organizam para atender às demandas comunicacionais de suas localidades. Do mesmo modo, articulações como essas decorrem nas comunidades periféricas, que são palco para movimentos artísticos, culturais e jornalísticos (D'ANDREA, 2013). Para Silva, Alberto e Nonato (2016), no jornalismo periférico, os anseios dos habitantes e as situações cotidianas do local ditam as notícias veiculadas, pois estes interesses específicos não se fazem presentes nos noticiários da grande mídia ou são mal representados. Diante deste cenário, cabe ao domínio científico acompanhar as tendências e os novos caminhos propostos à atividade jornalística e ao campo de comunicação como um todo. O jornalismo transpassa por inúmeras mutações ao longo do tempo; o avanço das tecnologias, por exemplo, afeta diretamente esta atividade. Atualmente, a internet faz parte do cotidiano das pessoas e, de acordo com Peruzzo (2007), revela-se como uma ferramenta potencializadora para o desenvolvimento da mídia produzida e protagonizada pela periferia. Dentre este universo *web*, as redes sociais, atualmente, são utilizadas como um meio rápido de propagação de notícias, interatividade e conexão entre todos. Para a autora, “com o desenvolvimento das tecnologias digitais, cada vez mais se potencializa o acesso do cidadão ao poder de comunicar, claro que uma vez reduzidas as desigualdades de renda, de educação e de acesso à internet” (p. 19).

As dificuldades do jornalista também interferem na busca de alternativas para a profissão. Segundo Fígaro e Nonato (2017, p.3), os profissionais “precisam desempenhar diversas funções para se manterem atuantes no competitivo mercado” e, com a flexibilização no mundo do trabalho, tais jornalistas foram submetidos a precárias formas de contratação. Perante as condições apontadas, é importante discutir as novas possibilidades que a profissão pode oferecer, além de identificar as saídas que estes profissionais estão encontrando para continuarem a exercer o jornalismo.

Com o objetivo de identificar o que já foi abordado sobre a temática da periferia em outras publicações, o início da construção deste artigo deu-se por meio de uma pesquisa

bibliográfica, que, segundo Koche (2011, p. 122), tem a pretensão de “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema”. Por meio de buscas realizadas em bancos de dados, tais como *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP*, *Google Acadêmico*, *Portal de Periódicos da CAPES* e *Anais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo*, foram encontradas diversas pesquisas relacionadas à cultura periférica, suas características e aos aspectos do jornalismo comunitário, trabalhos estes que pertencem a diversas áreas do campo acadêmico, como Ciências Sociais, Psicologia, Arquitetura, Administração, Antropologia, Filosofia e Comunicação.

Dentre as obras sobre periferia encontradas nos bancos de dados, estão “A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo”, tese de Tiarajú Pablo D'Andrea apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (FFLCH-USP) em 2013; “As produções audiovisuais de jovens da periferia e a auto representação”, artigo de Flávia Fernandes Belletati publicado, em 2008, na Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP; e o Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação “Cultura Periférica, a voz da periferia”, defendido em 2013, por Juliana do Carmo Silva, no Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação, também da USP.

Há, ainda, o Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização de Lorraine Lopes Souza, intitulado “Gênero, periferia e identidade – Coletivo ‘Nós, mulheres da periferia’”, defendido na ECA USP em 2014; o Trabalho de Conclusão de Curso “Jornalismo de quebrada e as representações das periferias paulistanas”, de Juliana Salles de Souza, apresentado em 2015 na FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação; a dissertação “‘Nois por Nois’: Movimentos sociais de comunicação em São Paulo”, de Caio Becsi Valiengo, defendida na Escola de Administração de Empresas de São Paulo – FGV em 2016; e “O Mapa do Jornalismo Colaborativo”, Trabalho de Conclusão de Curso, produzido em 2017 e apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina por Daiane Lara Nora.

Nessas obras, há múltiplos olhares sobre as periferias; todavia, poucas referem-se, especificamente, às iniciativas jornalísticas que emergem desses ambientes. Durante o levantamento, foram encontrados textos em diferentes formatos – artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso, livros, pesquisas e revistas. Filtrando a região de

pesquisa para São Paulo, foi identificado apenas um estudo que, por sua vez, refere-se à cidade inteira e levanta iniciativas de jornalismo alternativo de variados temas.

Em função de o presente artigo buscar explorar as vertentes do jornalismo produzido, estritamente, em comunidades periféricas paulistanas e, para isso, propor-se a realizar um mapeamento, se difere dos demais trabalhos levantados.

## A METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa bibliográfica realizada inicialmente, a fim de apurar as produções acadêmicas relativas ao tema estudado (DUARTE; BARROS, 2015), trouxe artigos que retratam o jornalismo numa perspectiva de papel social e serviço de utilidade pública. Como exemplo, Gallas (2014) mostra que interesses empresariais e outros diversos elementos interferem no caráter público que o jornalismo deve ter. Alguns desses fatores são: a definição de uma matéria como realidade, não como uma versão; espetacularização, utilizada para atrair atenção e que deixa em segundo plano a informação necessária a ser transmitida; e exigência de rápida produção da notícia, sem tempo para análises e aprofundamentos. Por sua vez, Ure (2008) manifesta que a desinformação é uma violência para com os direitos de cada pessoa, pois gera exclusão. Destaca, além disso, que o jornalismo não deve apenas buscar fatos de aspectos negativos para noticiar, pois empobrece a vocação e abrangência do jornalismo.

Após o primeiro contato com o tema, iniciou-se a elaboração de uma tabela que tem por objetivo mapear e caracterizar a organização de movimentos jornalísticos produzidos pelos e para os habitantes das periferias localizadas na cidade de São Paulo. O levantamento foi feito, a princípio, por meio dos treze grupos que integram a *Rede Jornalistas da Periferia*, uma “rede de comunicação popular formada por pessoas e coletivos que são e atuam a partir das periferias de São Paulo”, segundo a descrição de seu portal. São eles: *Alma Preta*, *Capão News*, *Casa no Meio do Mundo*, *Desenrola e Não Me Enrola*, *DiCampana Foto Coletivo*, *DoLadoDeCá*, *Historiorama: Conteúdo & Experiência*, *Imargem*, *Mural – Agência de Jornalismo das Periferias*, *Nós, Mulheres da Periferia*, *Periferia em Movimento*, *Periferia Invisível* e *TV Grajaú*.

A tabela tem a finalidade de fazer um levantamento quantitativo – que, de acordo com Dalfovo, Lana e Silveira (2008, p. 9), corresponde a “tudo que pode ser mensurado em números, classificado e analisado” – com a intenção de responder dez tópicos: nomes,

endereços de site/Facebook, se são ou não um coletivo, se são grupos alternativos ou independentes, ano de fundação, nomes das lideranças identificadas, região a que pertencem, como se sustentam, links parceiros e instituições patrocinadoras. A partir dos grupos parceiros apresentados na aba “Links relacionados (parceiros)” – que foram 130 – foi feita outra pesquisa para filtrar quais desses movimentos realizam trabalho jornalístico (a partir de autodeclaração, na própria página) e, em sequência, incluí-los na tabela. Deste número, seis foram adicionados: *Expressão Cultural Periférica*, *Revista Vaidapé*, *TV Doc Capão*, *TV Doc Fundão*, *Voz da Leste* e *Central Leste de Notícias*.

Durante a pesquisa exploratória, que tem o intuito, segundo Koche (2011, p. 126), de “descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer”, movimentos para além dos já citados foram identificados. Em outubro de 2017, houve no Complexo da Maré, Rio de Janeiro, o 1º Encontro Nacional de Comunicação das Periferias. O portal deste evento revela todos os grupos que foram convidados para o encontro e um deles foi acrescentado ao arquivo: *Vozes das Periferias*.

Em 2016, a *Pública*, agência de jornalismo investigativo, divulgou *O mapa do jornalismo independente*. Segundo a organização, o trabalho tem por objetivo mapear as iniciativas jornalísticas independentes do Brasil. No entanto, dentre os 79 movimentos apontados pela agência, o único que atende aos critérios pré-determinados, marcados por iniciativas jornalísticas especificamente de periferias paulistas, - *Revista Vaidapé* - já havia sido incluído na tabela.

Mídias apontadas por um trabalho acadêmico também foram aplicadas a este levantamento. Trata-se da dissertação *Veículos de comunicação comunitários e jornais de bairro na cidade de São Paulo*, desenvolvida por Luiza Giovancarli e apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo em 2017. Quatro movimentos – *Leste Online*, *Cidade Tiradentes Notícias*, *Grupo Acontece Leste* e *Grajaú Tem* – foram acrescentados ao arquivo.

Com base nas informações reunidas sobre os veículos, partiu-se para a análise destes dados, apresentados nos próximos itens do presente trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, 269 movimentos foram pesquisados. Deste número, 245 não foram acrescentados à tabela por diversos motivos; entre eles estão: não desempenhar atividades,



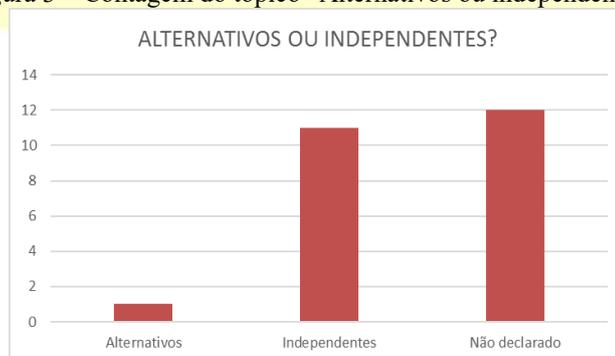
As informações foram constatadas por meio de autodeclarações presentes nas páginas que as iniciativas possuem na internet. Como demonstram os dados, a maioria (quinze) afirma atuar em grupo e, assim, denomina-se como coletivo (figura 2).



Fonte: a autora

Quanto ao seu modo de atuação, onze dos movimentos afirmam ser independentes de patrocinadores tradicionais, como publicidade. Um deles diz ser alternativo ideologicamente aos pontos de vista da grande mídia e a maior parte (doze) não declara este aspecto em seus sites (figura 3).

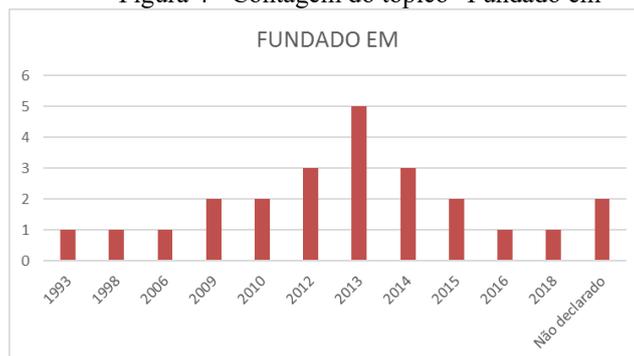
Figura 3 – Contagem do tópico “Alternativos ou independentes?”



Fonte: a autora

Conforme pontuado anteriormente, os movimentos nascidos das periferias são recentes. Apenas dois surgiram antes dos anos 2000 e grande parte (dezessete) despontou do ano de 2010 em diante (figura 4).

Figura 4 - Contagem do tópico “Fundado em”



Fonte: a autora

Por contar com uma organização horizontal, em que não há cargos mais relevantes que outros, as iniciativas não costumam indicar coordenadores em suas páginas. Desta forma, a pesquisa do tópico “Lideranças Identificadas” deu-se a partir de nomes associados aos movimentos em publicações. Ainda assim, em quatro deles não foi possível identificar profissionais ligados aos grupos (figura 5).

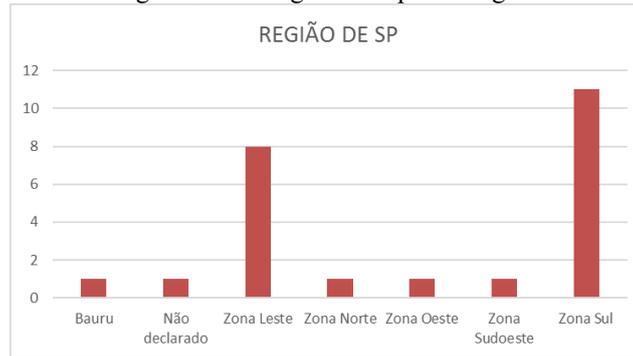
Figura 5 – Contagem do tópico “Lideranças Identificadas”



Fonte: a autora

Com a pesquisa, notou-se que a cidade de São Paulo é repleta de movimentos jornalísticos. As iniciativas que partem das periferias, especificamente, concentram-se, em sua maioria, na Zona Sul da capital, que conta com onze grupos, seguida pela Zona Leste, com oito, e pelas Zonas Norte, Oeste e Sudoeste, com um movimento cada (figura 6).

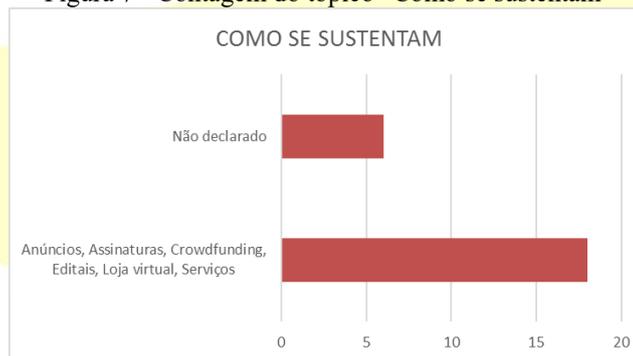
Figura 6 - Contagem do tópico “Região de SP”



Fonte: a autora

Seis iniciativas não declaram em seus sites as formas como mantêm suas atividades. No entanto, a maior parte (dezoito) afirma que financia suas atividades por anúncios, planos de assinatura, campanhas de *crowdfunding*, editais, lojas virtuais ou serviços oferecidos (figura 7).

Figura 7 - Contagem do tópico “Como se sustentam”



Fonte: a autora

Em relação a parceiras, apenas onze dos 24 movimentos apontam organizações colaboradoras, contra treze que não declaram parceiros nem indicam links relacionados a suas páginas (figura 8).

Figura 8 – Contagem do tópico “Links relacionados (parceiros)”



Fonte: a autora

De maneira quase uniforme, é possível notar que os movimentos (22 deles) não declaram instituições patrocinadoras em suas páginas. Conforme revelado anteriormente, as iniciativas optam por outras maneiras de financiar suas atividades, que independem do custeio de empresas. Apenas duas iniciativas contam com clientes declarados (figura 9).

Figura 9 – Contagem do tópico “Instituições patrocinadoras”



Fonte: a autora

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à amplitude da capital paulista, o movimento jornalístico vindo das comunidades periféricas ainda é tímido. Após um levantamento de 269 iniciativas alternativas de todo o Brasil, apenas 24 corresponderam ao perfil estabelecido para o estudo – movimento que utiliza do jornalismo nas periferias da cidade de São Paulo –, sendo elas: *Alma Preta*, *Capão News*, *Casa no Meio do Mundo*, *Desenrola e Não Me Enrola*, *DiCampana Foto Coletivo*, *DoLadoDeCá*, *Historiorama: Conteúdo & Experiência*, *Imagem*, *Mural – Agência de Jornalismo das Periferias*, *Nós, Mulheres da Periferia*, *Periferia em Movimento*, *Periferia Invisível*, *TV Grajaú*, *Expressão Cultural*

*Periférica, Revista Vaidapé, TV Doc Capão, TV Doc Fundão, Voz da Leste, Central Leste de Notícias, Vozes das Periferias, Leste Online, Cidade Tiradentes Notícias, Grupo Acontece Leste e Grajaú Tem.*

A partir das informações publicadas nas redes sociais e páginas na internet dos coletivos, analisou-se que a maioria pauta os acontecimentos da Zona Sul de São Paulo e tem integrantes que habitam esta região; declaram ser independentes financeiramente de grandes veículos ou anunciantes e, para manter suas atividades, oferecem planos de assinaturas, serviços de consultoria e oficinas, além de inscrição em editais e campanhas de *crowdfunding*, que são os meios mais comuns de financiamento entre as iniciativas; verificou-se, ainda, que se trata de movimentos recentes, com a maior parte fundada a partir de 2010 e formada por jornalistas jovens; que, por meio de uma dinâmica de organização horizontal, os coletivos não costumam nomear lideranças; e, geralmente, não informam instituições patrocinadoras ou parceiros em suas páginas.

Com a pesquisa, foi possível observar que, conectando-se uns aos outros, como a dinâmica verificada na *Rede*, os coletivos utilizam do alcance ofertado pela internet para transpor limites geográficos e propagar visões singulares das periferias, ângulos intrínsecos a quem vivencia o dia a dia desses locais – os habitantes. Desta maneira, observa-se que o principal objetivo das iniciativas pesquisadas é dar voz às comunidades, além de pôr em debate questões sociais, culturais, políticas e econômicas sob a ótica das periferias.

Os coletivos sintetizam em suas matérias jornalísticas, vídeos para a internet ou encontros que fazem com as comunidades, o registro do ambiente cultural urbano da periferia, o lado positivo do local, as suas necessidades e constantes transformações. Este trabalho é realizado não por dados, como nos veículos massivos, mas com a identificação de nomes, rostos e histórias, três pontos que podem ser considerados característicos da comunicação construída e protagonizada pelas periferias. Assim, a contribuição para o desenvolvimento local e para a democratização da mídia e da informação narram a progressiva construção do chamado jornalismo periférico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÉVALO, Gabriel Galli. “Reflexões sobre a importância da formação de comunidades no crowdfunding do jornalismo”. In: 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2016, Palhoça. **Anais...**, Palhoça: SBPJor, 2016.

ASSIS, Larissa Gould de. “Virada Comunicação: como coletivos de comunicação das periferias estão construindo uma nova forma de se comunicar”. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação da USP**, São Paulo, ano 12, vol. 1, jan./jun. 2018, p. 1-10. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/146727/140254>>. Acessado em 07/10/2019

BONA, Nivea Canalli. “Jornalista e responsabilidade social: uma aproximação realizada pelos movimentos civis”. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais...**, Brasília: Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1237-2.pdf>>. Acessado em 07/10/2019.

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal comunitário**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

D’ANDREA, Tiarajú P. **A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. “Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico”. **Rica: Revista Interdisciplinar Científica Aplicada da ÂNIMA**, Blumenau, vol. 2, n. 4, 2008, p. 1 - 13.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ed. São Paulo: Atlas, 2015.

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. “Novos “arranjos econômicos” alternativos para a produção jornalística”. **Contemporânea**: Revista de Comunicação e Cultura do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, vol. 15, n. 1, jan.- abr./2017, p. 47-63.

FREITAS, Guaciara B. **A relação entre a mídia e a periferia**: um estudo sobre o projeto Central da Periferia da TV Globo. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

GALLAS, Débora. “A contribuição do jornalismo para o saber social”. **Chasqui**, n. 127, dez./2014, p. 48-56.

IJUIM, Jorge K. “A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire”. **Em Questão**, Porto Alegre, vol. 15, n. 2, jul.- dez./2009, p. 31 - 43.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2011.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 27ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LIMA, Sandra Lucia Lopes. **Comunicação e época**. São Paulo: Plêiade, 2015.

MORAES, Dênis. “Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci”. **Debates**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS, Porto Alegre, vol. 4, n. 1, jan.- jun./2010, p. 54 – 77.

PERUZZO, Cicilia M. K. “Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania”. **Lumina**: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, jun. 2007.

\_\_\_\_\_. “Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária”. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...**, Brasília: Intercom, 2006.

SILVA, Diliane Gomes; ALBERTO, Janaina Santana; NONATO, Cláudia. “Periférico e contra hegemônico: o jornalismo alternativo no Brasil e na América Latina do século XXI”. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...**, São Paulo: Intercom, 2016.

URE, Mariano. “A função pública do jornalista: da imparcialidade à coesão social”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, ano 5, n. 2, jul.- dez./2008, pp. 113-128.